



Realização:



Apoio:



**XVII CIC
X ENPOS**

Conhecimento sem fronteiras

XVII Congresso de Iniciação Científica

X Encontro de Pós-Graduação

11, 12, 13 e 14 de novembro de 2008

série ondas: uma experiência com gravura em metal não-tóxica

Autor(es): NOGUEZ, Cristina Barbosa; DELLAGOSTIN, Daiana; BARBOSA, Luiz Roberto Lima; LETTNIN, Alexandre; ROCHEFORT, Carolina Corrêa; PEREIRA, Gabriela; GABRIN, Iná Eloisa; SANTOS, Alice Porto dos; MOITINHO, Patrícia de Oliveira; MOREIRA, Estela da Silva;

Apresentador: CRISTINA BARBOSA NOGUEZ

Orientador: ANGELA RAFFIN POHLMANN

Revisor 1: JOSÉ LUIZ DE PELLEGRIN

Revisor 2: RAQUEL SANTOS SCHWONKE

Instituição: instituto de artes e design-universidade federal de pelotas

Resumo:

Cresce na atualidade o número de artistas gravadores que se conscientizaram da necessidade de atuar com práticas mais saudáveis na área da gravura (HOWARD, 1998; BOEGH, 2003; FERRER, 2004; PEDROSA, 2003). Já dispomos de materiais que podem substituir os materiais tradicionais com eficácia em todo o processo da gravura em metal: na gravação da placa de cobre até a impressão da gravura no papel. Assim, esta pesquisa procura testar novos materiais não-tóxicos para a gravura, conforme o que já acontece em outros centros de gravura no país e no mundo. Ao compararmos estes novos meios ao processo tradicional de gravura em metal, comprovamos na prática a sua eficiência. Quando surgiu a técnica de gravura em metal (séculos XV e XVI), na época de Dürer (1471-1528) e Rembrandt (1609-1669), os meios utilizados eram os que estavam à disposição naquela época. Os produtos químicos não eram conhecidos como hoje em dia. A técnica da “água-forte”, por exemplo, tem esse nome porque descobriram uma “água” capaz de gravar o metal, sem saber que se tratava de um ácido e as conseqüências que o uso deste acarretaria à saúde do artista. Hoje dispomos de materiais com toxicidade inferior aos tradicionalmente utilizados. São produtos que na maioria das vezes não se destinam à produção de gravuras, como o polímero acrílico testado (cera de pisos), mas que por sua capacidade de vedação de uma superfície e resistir ao mordente (líquido utilizado para gravar a imagem no metal) pode substituir os vernizes tradicionais à base de asfalto, terebintina e breu. Então, estamos testando novos materiais e procedimentos, comprovando os resultados satisfatórios que fazem avançar a pesquisa visando melhorar o nosso trabalho diário, tornando-o menos insalubre. Nesta série de gravura “Ondas”, ao invés do verniz de proteção altamente tóxico, utilizei a base acrílica para isolar as áreas da matriz que não seriam gravadas. Como substituto do ácido nítrico, utilizei o percloroeto de ferro para gravar a imagem na matriz. Após a gravação, pude retirar o polímero da placa de cobre com uso de água ou álcool no lugar do solvente Isa-Raz ou terebintina. O conhecimento adquirido na pesquisa foi imediatamente empregado na prática de gravura. Com os processos não-tóxicos, torna-se mais agradável e seguro o espaço do ateliê e o processo da gravura em metal. As imagens produzidas durante a pesquisa impulsionaram meu trabalho, levando-me a questionamentos e às respostas que embasam a minha produção.